

## SUBALTERNIDADE E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA EM HURRA, WIR LEBEN IN DEUTSCHLAND, DE ŞINASI DIKMEN

### SUBALTERNITY AND RESISTANCE IN ŞINASI DIKMEN'S HURRA, WIR LEBEN IN DEUTSCHLAND

Dionei Mathias<sup>1</sup>

dioneimathias@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar duas sátiras escritas por Şinasi Dikmen, nascido em 1945, na Turquia, e radicado na Alemanha desde 1972. Escritos em alemão, os dois textos introduzem imigrantes turcos na Alemanha, criando, portanto, um contexto ficcional de hegemonia e subalternidade na esfera diegética. Com foco na resistência a mecanismos de poder e práticas de subordinação cultural, o artigo pretende analisar como representantes do grupo subalterno oferecem resistência ou não. Resistência, neste contexto, não é entendida como ataque frontal físico ou verbal, mas sim como estratégia discursiva que questiona e abre novas perspectivas. Nesse sentido, será analisado o processo de resistência primeiramente no discurso da superioridade civilizacional e, em seguida, na internalização da voz hegemônica por parte de membros do grupo subalterno, sempre com vistas às estratégias de resistência inerentes à escrita oriunda da margem.

**Palavras-chave:** Şinasi Dikmen. *Hurra, ich lebe in Deutschland*. Imigração. Sátira. Resistência.

**Abstract:** This paper aims at analysing two satires written by Şinasi Dikmen, born in Turkey, in 1945, and based in Germany since 1972. Written in German, both texts introduce Turkish immigrants in Germany, creating a fictional context of hegemony and subalternity in the diegetic sphere. Focussing on resistance to power mechanisms and to cultural subordination, this paper intends to discuss how representatives of the subaltern group resist or do not resist. In this context, resistance is not understood as a frontal attack in form of physical or verbal violence, but rather as a discursive strategy, which questions and opens new points of view. Based on this assumption, two aspects are analysed: firstly, the process of resistance in the civilizational superiority discourse; and, secondly, the internalization of the hegemonic voice among members of the subaltern group, always with regard to resistance strategies inherent to the writing practiced at the margin of society.

**Keywords:** Şinasi Dikmen. *Hurra, ich lebe in Deutschland*. Immigration. Satire. Resistance.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo e pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM.

## 1 Introdução

Şinasi Dikmen nasceu em 1945, na Turquia, e vive desde 1972 na Alemanha, onde, em 1986, fundou um cabaré com foco em encontros e negociações culturais entre turcos e alemães. Com quatro livros publicados em língua alemã, Şinasi Dikmen é conhecido por suas sátiras que abordam questões de diferença, pertencimento e integração. Com isso, seu nome se junta a vozes como as de Osman Engin ou Radek Knapp, que pensam o lugar do sujeito com afiliações estrangeiras no contexto da narrativa de expressão alemã, a partir do riso e do cômico, questionando, portanto, práticas de exclusão, estereotipação ou marginalização social. O que os três autores têm em comum, além de um senso de humor mordaz, é um comportamento conciliatório que busca, por meio do riso, a revisão de concepções sobre a sociedade. Nisso, eles chamam a atenção para os problemas e para os conflitos das minorias, como Specht (2011, p. 24) constata no caso do cabaré dos anos 1990.

Em *Hurra, ich lebe in Deutschland* (“Oba, eu vivo na Alemanha”), publicado em 1995 e sem tradução para o português, Dikmen reúne um conjunto de sátiras que discutem diversos aspectos do cotidiano de imigrantes turcos na Alemanha, sempre num tom que questiona sem temor as práticas de silenciamento e de submissão cultural, explícita ou indiretamente impostas aos imigrantes, mas sem abandonar o desejo de diálogo com a esfera hegemônica. Nisso, não há confrontos que deixam escalar o conflito, a ponto de romper a possibilidade de negociação das práticas de ação e interação no espaço de vida compartilhado. Contudo, há uma série de comportamentos ou de usos da língua que indicam clara resistência à configuração de discursos, a qual define concepções sobre o espaço social e sobre as práticas de representação dos atores sociais nesse contexto.

Quando se fala de resistência, automaticamente também há dinâmicas de poder que a suscitam. Somente com a presença de atores sociais que tentam impor seus desejos, suas interpretações de mundo, seus conceitos de verdade e suas formas de ação, indivíduos começam a oferecer resistência, a fim de retardar o efeito da imposição externa. A condição necessária para isso é que haja antagonistas que não compartilham da mesma visão e que enxergam, nas práticas discursivas e acionais, obstáculos que os impedem de construir uma existência satisfatória. Resistência pode ocorrer em forma de refreamento físico, por meio do uso da força e da violência para oferecer oposição a práticas de opressão. Essa ideia da força física está presente na etimologia da palavra resistência, que implica a intensificação na tomada de um lugar. Ao mesmo tempo em que essa forma de oposição pode ser muito concreta em termos de corpos que resistem em serem dóceis, a resistência também pode se

concretizar de forma “[...] plural e fluida, e integrada no dia a dia na vida social [...]”<sup>2</sup> (BAAZ et al. 2016, p. 138), sem se concretizar de forma clara como obstáculo ao desejo dominante ou opressor, sem ter uma clara definição teleológica, mas que, contudo, pode surtir importantes mudanças na sociedade e no desenrolar da História.

A intencionalidade, nesse contexto, tem um papel fundamental para a compreensão do conceito de resistência. Por um lado, é possível compreender a oposição como organização de uma voz com um desejo unificado, como o faz James C. Scott, no contexto da resistência de classes. Nisso, um estrato social nega ou se esquia das exigências de outro, a fim de defender as próprias causas. (SCOTT 1985, p. 299). Scott desenvolve sua pesquisa a partir de questionamentos em volta da estruturação econômica. Creio ser possível pensar também em outras configurações sociais, como raça, gênero, etnia, nação, ou mesmo encontro intercultural, nas quais há conflitos de interesse e aglomerações de atores sociais que procuram unificar suas vozes, com o objetivo de resistir às imposições de desejos alheios.

Resistência, contudo, também pode ser ativada em microesferas sociais, sem que o indivíduo não se entenda primeiramente como representante de um grupo. Nesse contexto, resistência acontece sempre quando há tentativas de questionar práticas de distribuição de voz ou de representação nas relações sociais e sempre quando atitudes sociais se opõem ao entendimento hegemônico e a suas classificações. (FERNANDES, 1988). Com isso, surge o que Baaz et al. (2016, p. 142) chamam de “Power frombelow”, isto é, um poder que vem de baixo, compreendendo a dinâmica de contestação por meio de metáforas espaciais. Nesse movimento, o sujeito subalterno questiona, de diversas formas, a interpretação hegemônica, iniciando com seus questionamentos novas formas de ver a realidade social.

No presente artigo, discuto duas sátiras escritas por Dikmen para analisar o processo de resistência, primeiramente no discurso da superioridade civilizacional e, em seguida, na internalização da voz hegemônica por parte de membros do grupo subalterno, sempre com vistas às estratégias de resistência inerentes à escrita oriunda da margem. Nisso, o riso assume um caráter subversivo, cujo objetivo reside não somente no entretenimento, mas sobretudo na construção de uma voz autônoma que, lentamente, faz-se ouvir nas práticas de produção discursiva, criando uma voz própria para nomear a própria condição como ator social que deseja participar da sociedade. Importante ressaltar que essa participação não se restringe a obediência e submissão às regras do jogo social: ela se entende também como desejo de criar as modalidades existentes para os processos de interação social.

---

<sup>2</sup> “[...] plural and fluid, and integrated into everyday social life [...]” (BAAZ et al., 2016, p. 138).

## 2 Questionando a superioridade civilizacional

No encontro de membros pertencentes a diferentes espaços culturais, não raramente acontece uma comparação dos méritos culturais, a fim de se estabelecer uma hierarquia entre seus representantes. Nesses casos, os grandes artistas ou cientistas que, por conta de sua excepcionalidade, destacam-se internacionalmente deixam de ser indivíduos para se transformarem em representantes de uma nação, isto é, metonímias no plano nacional. O mesmo se pode dizer dos avanços tecnológicos que deixam de ser atrelados àqueles que foram responsáveis por seu desenvolvimento para passarem a compor a malha simbólica do espaço nacional. A necessidade de hierarquização, muitas vezes, está ligada ao desejo de instituir coordenadas de poder, a partir das quais os indivíduos se movimentam e desenvolvem suas ações. Isso pode acontecer em todos os planos da interação humana, tanto em nível de negociação internacional como no plano no diálogo entre dois indivíduos pertencentes a dois grupos culturais diferentes. O que resulta disso, frequentemente, pode ser caracterizado como uma constelação de subalternidade e hegemonia, se o discurso da superioridade civilizacional servir para canalizar a energia emocional e física de todo um grupo para os fins daqueles que se encontram, discursivamente, na posição de superioridade.

Na sátira “Hurra, ich lebe in Deutschlandoder die Ergänzung eines Märchens” (“Oba, eu vivo na Alemanha ou o complemento de um conto de fadas”), o narrador autodiegético, de origem turca, relata a um conterrâneo os avanços tecnológicos e culturais do país no qual vive agora, isto é, a Alemanha. Muito parecido àquilo que acontece nas *Cartas Persas* de Montesquieu, há um narrador de outro país que, por meio da técnica de estranhamento, critica elementos da sociedade à qual pertence. No texto do intelectual francês, o estrangeiro utiliza uma máscara de persa para falar da França. Assim, como personagem, não tem envolvimento emocional com o país que visita; mas a intenção autoral está voltada para a discussão de valores na França. No texto de Dikmen, o estrangeiro também é estrangeiro e, como personagem, parece tampouco requerer o direito de pertencimento. A diferença reside no plano autoral, em que o autor de fato é estrangeiro, ao menos no que diz respeito ao lugar de nascimento – mas, como no caso de Montesquieu, seu lugar de fala e empenho intelectual partem do pertencimento ao país sobre o qual fala. Com isso, Dikmen constrói uma interessante relação intertextual, atualizando o paradigma do texto inicial com elementos da sociedade e do tempo nos quais se encontra inserido e a partir dos quais pensa. Ambos os autores desejam pensar sobre valores e costumes de suas sociedades a partir do riso subversivo e da resistência ao engessamento discursivo, que impede a inovação.

O texto já começa com um movimento subversivo. O narrador revela que está disposto a escrever algo sobre a cultura alemã somente depois de muita insistência por parte do amigo na Turquia, pois não deseja vangloriar-se da posição privilegiada na qual se encontra. A menção da posição privilegiada reforça a narrativa da superioridade civilizacional, já que o protagonista, como membro de outra cultura, parece, num primeiro momento, não questionar a aceitabilidade da configuração discursiva. Contudo, os exemplos – que serão enumerados posteriormente, para ilustrar tanto o avanço civilizacional da cultura na qual ele se encontra quanto a posição de superioridade do protagonista em comparação ao amigo que permaneceu no país de origem – parecem não legitimar nem uma, nem outra coisa, desacreditando, com isso, também a voz narrativa, cuja jactância revela-se inapropriada. A fanfarronice do protagonista aliada aos comentários ingenuamente mordazes apontam a um movimento subversivo de resistência ao discurso hegemônico, sem, no entanto, ser intencional no plano diegético. A intenção de resistência organizada como voz individual definitivamente se encontra no plano autoral de criação ficcional.

O primeiro exemplo que o narrador enumera para ilustrar suas experiências na Alemanha tem como foco a infraestrutura sanitária, isto é, os banheiros. A linha de argumentação do protagonista começa justamente com uma indicação ao desequilíbrio na escala civilizacional:

Admite, você não sacou o que é um vaso sanitário? Pois bem, esse vaso sanitário em sua altura é quase como uma meia cadeira, tem uma tampa para os alemães não verem o que tem dentro, pois eles são um povo muito sensível, debaixo dessa tampa ainda há uma meia tampa, sobre a qual a gente pode se sentar confortavelmente. No começo me sentei como as galinhas no poleiro e, entre nós, me sujei todo. Por quê? Como por quê? Não conseguia mirar direito, por isso. Mas quando a gente se acostuma a isso, então é bem fácil, abaixar as calças e sentar em cima. Você não consegue fazer isso? ...Sim, sim, também você consegue. (DIKMEN, 1995, p. 11)<sup>3</sup>.

Em consonância com o pensamento pautado pelo princípio da hierarquia, o protagonista começa sua argumentação com um posicionamento a seu favor, em relação a seu amigo que se encontra no país de origem. Há uma diferença de conhecimento sobre as tecnologias avançadas que compõem a concretização existencial cotidiana. Esta se encontra

---

<sup>3</sup> “Gib zu, du hast es nicht kapiert, was so ein Sitzklo ist? Also, dieses Sitzklo ist von der Höhe her wie ein halber Stuhl, hat einen Deckel, damit die Deutschen nicht sehen, was drin ist, weil sie ein sehr sensibles Volk sind, unter diesem Deckel noch einen halben Deckel, worauf man sich gemütlich setzen kann. Am Anfang habe ich mich, wie die Hühner sich auf die Stange setzen, hingesetzt und, unter uns gesagt, mich überall beschmutzt. Warum? Was heißt warum? Ich habe nicht richtig zielen können, darum. Wenn man sich aber daran gewöhnt hat, dann ist es ganz leicht, Hose runter, sich darauf setzen. Kannst du das nicht machen?...Doch, doch, auch du kannst es.” (DIKMEN, 1995, p. 11).

marcada pela descrição detalhada do banheiro, revelando um olhar estranhado sobre o objeto, o que pode desencadear o riso no leitor. O elemento cômico inicial cria uma atmosfera de leveza, aparentemente desprovida de resistência, especialmente porque, na sequência, o protagonista narra suas peripécias ao tentar utilizar o objeto desconhecido. A imagem que surge revela um indivíduo desajeitado, inocente e, à primeira vista, completamente inofensivo. Essa impressão é reforçada por sua bazófia diante do amigo, a quem procura incentivar, de modo condescendente, a também fazer uso desse instrumento.

Contudo, ao lado da bazófia e da ingenuidade do protagonista, o que se apresenta aqui também é a imitação do senhor hegemônico por parte do indivíduo subalterno. A imitação, porém, está longe de conter o grau de seriedade e violência simbólica, imanente à formação discursiva primordial, na qual o representante hegemônico utiliza a mesma estratégia para afirmar sua superioridade civilizacional e impor a subalternidade. Por conta de sua deformação, ela se torna risível, mostrando a discrepância de poder na utilização desse discurso como instrumento de imposição cultural. Ao mesmo tempo, no entanto, a imitação deformada do comportamento hegemônico contém um potencial subversivo, já que, de forma aparentemente inocente, o sujeito subalterno se apropria de um comportamento problemático e questionável. O comportamento é quase o mesmo, mas não bem, para utilizar a definição de *mimicry* de Homi Bhaba (1984, p. 126). Com isso, o que, num primeiro momento, aparenta ser somente bazófia de um estrangeiro pode, num segundo momento, ser lido como configuração discursiva de resistência e contestação do poder hegemônico.

Essa leitura se vê reforçada na forma como os representantes hegemônicos são representados na sequência, começando pela utilização do vaso sanitário para a leitura de jornais (DIKMEN, 1995, p. 12-13):

Em algum momento, entre as guerras, os cientistas alemães devem ter constatado que os alemães normais só tinham as melhores ideias no vaso sanitário, porque de outro modo não tinham tempo para pensar. Então deve ter sido muito fácil apelar aos alemães a que anotassem as ideias que tinham no vaso sanitário, para que essas ideias pudessem ser analisadas por cientistas. Por isso, o papel higiênico, como os alemães o chamam, está no lado direito e não no lado esquerdo. Se estivesse no lado esquerdo, teriam que dar uma meia volta para escrever, enquanto faziam seus negócios, mas então não é mais possível mirar direito. Ah, esses alemães, eles são tão espertos! (DIKMEN, 1995, p. 13)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> “Irgendwann, zwischen den Kriegen, müssen die deutschen Wissenschaftler festgestellt haben, daß die normalen Deutschen nur im Klo auf die besten Ideen kommen, weil sie ja sonst keine Zeit haben zum Denken. Dann muß es kinderleicht gewesen sein, an die Deutschen zu appellieren, daß sie die Ideen, die ihnen im Klo einfallen sind, niederschreiben, damit diese Ideen von den Wissenschaftlern ausgewertet werden können. Darum ist Klopapier, wie die Deutschen es nennen, auf der rechten Seiten, nicht auf der linken Seite. Wenn es auf der linken Seite wäre, so müßte man sich beim Geschäft halb umdrehen, um zu schreiben, dann kann man aber nicht mehr richtig zielen. Ah, die Deutschen, sie sind so schlau!” (DIKMEN, 1995, p. 13).

Se, na primeira passagem, o grotesco – em forma de exagero, deformação e reforço do aspecto corporal humano – foi utilizado para caracterizar o protagonista, nessa segunda passagem, o foco passa a ser o sujeito hegemônico a partir da perspectiva subalterna, colocando-o num foco que o apresenta não no espaço público da negociação ou imposição de poder, mas num espaço privado, comumente elidido da consciência pública. Essa apresentação o afasta do princípio da hierarquização que prevalece nas interações sociais, para mostrá-lo num ângulo menos privilegiado. Em consonância com aquilo que nos ensina Bakhtin (BAKHTIN, 1987, p. 82), o riso subversivo questiona o poder e a seriedade. Com isso, a humanização do senhor hegemônico parece oferecer resistência a uma prática de encenação pública.

Um segundo momento de resistência diz respeito a outro aspecto da organização de poder, a saber, o trabalho científico – e, com isso, também a formação discursiva no espaço público. Ao justapor trabalho intelectual, com todas suas conotações de superioridade civilizacional e como produto máximo do desenvolvimento humano, ao lado da atividade de defecação, no outro extremo, com sua proximidade inegável à condição de animalidade, surge um prisma diferente, pelo qual se enxerga o detentor de poder. Nisso, o trabalho do intelectual assume uma conotação que diminui seu potencial como instrumento de disciplinamento, controle e submissão, pois a legitimidade se vê contestada num contexto que não permite o princípio da hierarquização. A resistência que surge desse complexo imagético não está marcada por hostilidade e violência. Pelo contrário, como a voz narrativa se coloca numa luz ainda menos positiva, a mordacidade perde sua intensidade e pode ser vista somente como desejo de produzir o riso. Com isso, a contestação e o ato de resistir acontecem por meandros, evitando um ataque frontal.

### **3 A internalização da voz hegemônica**

Embora o protagonista da primeira sátira tenha utilizado a estratégia de transformar-se em objeto de riso, na verdade, ele o faz para desestabilizar as malhas hegemônicas da dinâmica de representação e imposição de poder. A segunda sátira a ser analisada, “Wirtunso, alsobwir Deutsche wären” (“Vamos fazer de conta que somos alemães”), adota uma estratégia parecida. Novamente, o estrangeiro é o foco primordial do riso, subvertendo a máquina de representação por meio das implicações que a imagem de ridicularização do estrangeiro têm para o senhor hegemônico. Ao contrário da primeira sátira, em que o estrangeiro estabelece claras linhas demarcatórias entre estrangeiros e nativos, a segunda sátira apresenta um estrangeiro integrado, isto é, alguém que adota as regras de comportamento dos nativos:

Dr. Ihsan é um turco completamente integrado, como os alemães o esperam de um turco. Tomemos o exemplo de sua vida privada. Dois anos após sua chegada na Alemanha ele conquistou uma namorada alemã. Como e quem não interessa aqui – interessante é como ele convive com essa mulher. Dr. Ihsan, além disso, ainda está casado com uma mulher turca que infelizmente não se deixa integrar. Ela mal fala alemão, não usa maquiagem e o que é pior: ela não sabe esquiar, embora Dr. Ihsan vá esquiar nos Alpes, todo inverno com sua namorada. (DIKMEN, 1995, p. 121)<sup>5</sup>.

Como no primeiro texto, também aqui há, antes de mais nada, um movimento de aparente subordinação. A voz narrativa cita o exemplo do Dr. Ihsan como modelo de sujeito integrado. Contudo, já a primeira frase do texto parece produzir um prisma de subversão, uma vez que o processo de integração não acontece de forma bilateral, mas sim de acordo com as expectativas hegemônicas. A voz narrativa parece indicar que a integração aconteceu no marco da obediência e da submissão, sem oferecer qualquer resistência à imposição cultural e, sobretudo, ao princípio da hierarquização – isto é, não houve diálogo ou negociação, mas sim subordinação à voz hegemônica. Essa caracterização, contudo, revela-se como negativa somente na perspectiva daquele que atribui valor maior ao diálogo e que concede a todos os atores sociais direitos iguais no uso das técnicas culturais para a concretização existencial. Do contrário, a caracterização é positiva, uma vez que a integração representa um elemento central no complexo discurso de encontros interculturais, isto é, os países de acolhimento tendem a esperar do estrangeiro que deseja viver em seu país que se integre e se atenha às regras vigentes naquele espaço cultural. O que exatamente isso inclui é motivo para muita discussão.

Essa ausência de espírito crítico do protagonista é corroborada na sequência, quando outros comportamentos do personagem são relatados. A integração ocorreu, mas por meio da adoção de comportamentos questionáveis a partir da perspectiva da voz narrativa. Como no primeiro texto, também este mostra um estrangeiro caracterizado negativamente, já que distorce valores que parecem ser importantes para a voz narrativa. O relacionamento com uma amante, as férias de esqui e as expectativas indiretas em relação ao comportamento da esposa sugerem um indivíduo maleável em seus valores e princípios – não no sentido de ser tolerante e aberto, mas sim como alguém que adapta suas regras, a fim de alcançar com celeridade a maximização do prazer, mesmo ao preço da traição de valores e do comprometimento do bem estar daqueles que se encontram em sua proximidade.

---

<sup>5</sup> “Dr. Ihsan ist ein vollständig integrierter Türke. Er ist so integriert, wie es die Deutschen von einem Türken erwarten. Nehmen wir zum Beispiel sein Privatleben. Zwei Jahre nach seiner Ankunft in Deutschland lachte er sich eine deutsche Freundin an. Wie und wen, das ist hier uninteressant – interessant ist, wie er sein Leben mit dieser Frau teilt. Dr. Ihsan ist dazu noch mit einer türkischen verheiratet, die sich leider nicht integrieren läßt. Sie spricht kaum Deutsch, sie schminkt sich nicht, und was noch schlimmer ist: Sie kann nicht Skifahren, obwohl Dr. Ihsan jeden Winter mit seiner Freundin zum Skifahren in die Alpen fährt”. (DIKMEN, 1995, p. 121).



Assim, as exigências feitas indiretamente à esposa são controversas. É questionável se a ausência do domínio da língua alemã resulta de uma falta de desejo de integração, ou se não é fruto de um comportamento patriarcal imposto pelo marido. O que desacredita a legitimidade das exigências é a justaposição de um elemento realmente importante para a participação da vida social em uma sociedade democrática, que é a língua, e elementos dispensáveis que não têm um vínculo direto com a socialização cultural da esposa. Com isso, a concepção daquilo que o protagonista entende por integração se revela como incompleto, parcial e direcionado a projetos pessoais egoístas. A voz narrativa, contudo, não apresenta essas informações num tom de repreensão; pelo contrário, o que impera é o princípio do riso, que, neste caso, recai sobre o grupo dos imigrantes.

Ao mesmo tempo em que o imigrante integrado é apresentado a partir de um ângulo que desperta o riso e desacredita seu posicionamento ideológico, novamente esse mesmo comportamento revela algo também sobre a cultura hegemônica. O imigrante integrado parece agir em consonância com um roteiro cultural assimilado no novo espaço cultural. Com isso, a maleabilidade ética e de valores parece resultar – certamente não somente como também – daquilo que o protagonista aprende em suas interações sociais, desacreditando, desta vez, a legitimidade moral e discursiva instrumentalizada no contexto hegemônico. A imitação do comportamento não é uma cópia fiel; ela se revela como semelhança estranhada, produzindo uma ambiguidade impassível de definição, já que o texto remete a uma prática de comportamento hegemônico, mas não o faz de forma explícita.

Essa imitação estranhada volta a surgir em outra passagem do texto, em que o protagonista fala da alteridade dos imigrantes:

Dr. Ihsan se levanta com frequência, vai para o palco, fala com as pessoas, explicando, indicando, esclarecendo: “Não eu, mas sim vocês têm problemas, meus queridos amigos. Se vocês são tão diferentes, então não é de se espantar que tenham dificuldades em todo lugar. Vocês têm que se esforçar para chamar menos atenção possível. Sempre agir como se nós fôssemos alemães. E quem achar alguém simpático agora e quiser tratá-lo informalmente – ainda surgirá a oportunidade, eu anunciarei o momento por microfone”. (DIKMEN, 1995, p. 125)<sup>6</sup>.

O modo como o protagonista entende integração está muito próximo da invisibilidade; isto é, o objetivo não reside em uma negociação das práticas culturais, a fim de alcançar uma base

---

<sup>6</sup> “Dr. Ihsan steht oft auf, geht auf die Bühne, redet auf die Leute ein, erklärend, hinweisend, erläuternd: „Nicht ich, sondern ihr habt Probleme, meine lieben Freund. Wenn ihr so andersartig seid, dann ist es ja kein Wunder, daß ihr überall Schwierigkeiten bekommt. Ihr müßt euch Mühe geben, so unauffällig wie möglich zu sein. Immer so tun, als ob wir Deutsche wären. Und wer jetzt jemanden sympathisch findet und ihm gern das Du anbieten möchte – es kommt schon noch die Gelegenheit, ich werde den Zeitpunkt über das Mikrofon bekanntgeben”. (DIKMEN, 1995, p. 125).

comum, na qual todos os membros envolvidos estão dispostos a uma adaptação. Pelo contrário, o que está em primeiro plano é elidir todo signo que possa indicar a diferença, pelo menos aquelas diferenças que não estão em consonância direta com as práticas de percepção hegemônica.

Com isso, não se produz somente a tentativa de elisão da diferença – o que, especialmente em práticas culturais que focam em raça ou etnia, é praticamente inalcançável. Ao mesmo tempo, acontece o silenciamento da voz que deseja participar do processo de produção discursiva ou da concretização da interação social, no marco da diferença e a partir das próprias visões de mundo. Isso fica explícito, por exemplo, ao final da passagem citada, quando o protagonista estabelece as regras para a interação, adotando – ou melhor, impondo – a dinâmica entre formalidade e informalidade que prevalece na socialização cultural alemã. De certo modo, não há espaço para inovação ou inserção de novas formas de interação, produzindo um contexto no qual somente o grupo hegemônico dita as regras do jogo. Nisso, o indivíduo marcado pela diferença acaba se tornando invisível e sem voz própria.

Quem detém a voz definitiva nesse contexto é a personagem Dr. Ihsan, cujo objetivo reside justamente na internalização do discurso hegemônico. Ele se apodera do lugar de enunciação e transforma os outros em plateia para suas finalidades ideológicas. O tom paternalista fica imediatamente explícito: ele acredita que precisa educar seus ouvintes para que estes estejam aptos a participarem da sociedade em que transitam. Nessa dinâmica, surge uma configuração hierárquica muito similar àquela entre representantes hegemônicos e subalternos, na qual a apropriação da voz não persegue primeiramente o objetivo de criar estruturas igualitárias para o processo de enunciação, mas sim de impor ao outro a própria visão de mundo. Essa reprodução das práticas discursivas e socioculturais, oriundas do macrocosmo no contexto do microcosmo do estrato social dos imigrantes, explicita o anseio por poder e a onipresença do princípio de hierarquização.

O texto termina com uma deformação grotesca de scripts interacionais, esperados em determinados contextos sociais. Nisso, a voz narrativa exagera, utilizando extremos, a fim de produzir o riso:

Quando chegou o momento, no qual os alemães teriam vomitado, um turco dá um soco no outro. Por quê, ninguém sabe. Dr. Ihsan grita do palco e vomita: “Não batam! Vomitem! Não batam, vomitem!”

Nenhum turco sabe como um alemão cai no chão, mas Dr. Ihsan cai como um saco no chão. Talvez ele já age bem instintivamente como se fosse um alemão. (DIKMEN, 1995, p. 126)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> “Als der Augenblick kommt, in dem die Deutschen sich übergeben hätten, schlägt ein Türke den anderen nieder. Warum, weiß niemand. Dr. Ihsan schreit von der Bühne herunter und kotzt: “Nicht schlagen! Kotzen! Nicht schlagen, sondern kotzen!”

Ao mesmo tempo em que a deformação excessiva se afasta de um anseio mimético realista, ela também revela elementos mínimos, sobre os quais o exagero pôde ser construído. Definitivamente, fica claro que a voz narrativa não enxerga na integração a adoção de parâmetros de comportamentos alheios/hegemônicos, sem qualquer inclusão de elementos da socialização primordial do indivíduo a ser integrado a uma política parcial e, por isso, problemática. Se Dr. Ihsan não pode ser considerado um anti-herói, ele, pelo menos, representa, do ponto de vista da voz narrativa, um modelo negativo, cujo comportamento é alvo do riso.

Com isso, há dois posicionamentos completamente diversos frente ao discurso e às expectativas hegemônicas. O protagonista, Dr. Ihsan, internalizou as expectativas e as utiliza como crivo de percepção e ação na realidade diegética. A voz narrativa, por sua vez, oferece resistência, ao transformar a internalização irrefletida do protagonista em alvo de riso, embora, em nenhum momento, posicione-se de forma explícita, tomando partido contra ou a favor de qualquer grupo. Esse vetor de resistência está situado dentro das coordenadas de ação do grupo imigrante. Além desse enfeixamento de resistência, o narrador também inclui representantes do grupo hegemônico em sua mira, questionando indiretamente a legitimidade de sua voz, ao aproximá-la de comportamentos igualmente grotescos e problemáticos.

#### **4 Considerações finais**

As duas sátiras analisadas claramente apresentam movimentos de resistência, os quais se configuram em forma de dois vetores. Por um lado, as personagens de imigrantes são caracterizadas no marco do riso, pois são mostradas em situações nas quais se vangloriam inadequadamente, desacreditando suas vozes. Esse descrédito pauta-se, sobretudo, por meio de admiração e imitação de comportamentos ou méritos dos representantes do grupo hegemônico, sem revelar qualquer senso crítico ou intenção de questionamento. Com isso, surge a internalização da visão de mundo do grupo majoritário, cujas interpretações parecem legitimadas pelo fato de representarem a voz daqueles que detêm o poder naquele espaço cultural.

Por outro lado, a resistência se volta justamente contra a prática cultural hegemônica. Em nenhum momento, o leitor encontra a voz ou a perspectiva de algum membro do grupo dominante. Toda informação sobre esse estrato social é mediada a partir da perspectiva do imigrante, especialmente quando imita suas formas de comportamento. A caracterização do imigrante no marco do riso e da bazófia cria um contexto semanticamente ambíguo, deixando

---

Kein Türke weiß, wie ein Deutscher auf den Boden fällt, aber Dr. Ihsan fällt wie ein Sack auf den Boden. Vielleicht tut er schon ganz instinktiv so, als ob er ein Deutscher sei“ (DIKMEN 1995, p. 126).

o leitor inseguro sobre como deve situar os representantes do grupo dominante. Diante disso, a resistência se dá de modo indireto, pois aquilo que se diz sobre esse grupo e aquilo que os representantes subalternos imitam de seu comportamento parecem questionar sua legitimação moral – ou melhor, suas demandas de poder. Mas, como a informação é indiretamente mediada, fica incerto, ao menos no plano textual, como deve ser entendida. Com efeito, a resistência não surge como ataque frontal: ela se concretiza em forma de meandros indiretos, muitas vezes mascarada em forma de ridicularização do grupo ao qual se deseja resistir.

## Referências

BAAZ, Mikael; LILJA, Mona; SCHULZ, Michael; VINTHAGEN, Stellan. Defining and Analyzing “Resistance”: Possible Entrances to the Study of Subversive Practices. In: **Alternatives: Global, Local, Political**, 41(3), 2016, p. 137-153.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BHABHA, Homi. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. **Discipleship**, [S.l.], v. 28, p. 125-133, 1984.

DIKMEN, Şinasi. **Hurra, ich lebe in Deutschland**. Piper: München, 1995.

FERNANDES, Viegas. From the Theories of Social and Cultural Reproduction to the Theory of Resistance. **British Journal of Sociology of Education**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 169–80, 1988.

SCOTT, James. **Weapons of the Weak**. New Haven: Yale University Press, 1985.

SPECHT, Theresa. **Transkultureller Humor in der türkisch-deutschen Literatur**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2011.